

## EDITORIAL

*"O mangá tem uma coisa que as pessoas não encontram em outros lugares. E é por isso que elas lêem mangá, gostam muito e se sentem muito bem com ele. [...] O mangá tenta focar mais a pessoa normal de cada dia, o ser humano em si, [...] e você encontra sua vida ali. Eu estou lendo e aquele ali sou eu. Eu já encontrei, muitas vezes, personagens que eu me sinto muito identificado."*

**(José, jovem leitor de mangá)**

De 11 a 14 de junho de 2007 estivemos envolvidos, na UERJ, com o IV Seminário Internacional As redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura. E foi sob a inspiração do que ouvimos, assistimos, falamos, questionamos, refletimos, nesses quatro dias, a respeito dessa relação tão instigante entre educação e tecnologia, que o Grupo de Pesquisa ["Infância, Juventude e Indústria Cultural: sociedade, cultura e mediações: imagem e produção de sentidos"](#) organizou a terceira edição do "Educação e Imagem". Interagimos com as vozes de outras realidades, seja daqueles que nos trouxeram o pensamento e as práticas de outros países, seja daqueles que nos contaram sobre o que se anda fazendo por esse Brasil afora, ou aqui do lado, no bairro vizinho. Esse encontro possibilitou que dividíssemos nossas incertezas e somássemos nossas experiências a respeito do complexo objeto de nossas investigações: a relação de crianças e jovens com a imagem técnica. Os inúmeros trabalhos apresentados nos lavaram a alma, ao permitir que constatássemos que conhecimentos e práticas estão sendo produzidos, nas mais diversas instâncias, para incorporar a implicação desses sujeitos com as mídias e as hipermídias ao cenário educacional. O que os promissores debates nos permitiram discernir é que, se crianças e jovens estão, de fato, vivendo sob um novo paradigma que modifica suas relações com o conhecimento e com a cultura, nada mais importante do que nos harmonizarmos com eles, enfrentando o desafio de compreender mentes que "pensam em audiovisual". Se assumir esse desafio não é tão simples assim, ousá-lo poderia ser uma

abertura ao campo do possível. É o que nós, do grupo de pesquisa, vimos procurando fazer, ao nos aproximarmos da relação intensa de crianças e jovens ao mundo das imagens. Mundo que para fazer sentido tem que ser co-habitado, compartilhado. Trazemos para esse número nossa tentativa de co-habitar com crianças e jovens em alguns dos "lugares" em que "se sentem bem e encontram sua vida", como diz José. Lugares nos quais, pela mediação da imagem, eles vêm constituindo seus modos de ser e de se relacionar com o conhecimento e a cultura.

Esperamos que o leitor se sinta bem nesses lugares.